



***ATRAVESSAMENTOS DAS QUESTÕES DE GÊNERO NA DOCÊNCIA
MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL***

***CRUCES DE LAS CUESTIONES DE GÉNERO EN LA ENSEÑANZA
MASCULINA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL***

***CROSSINGS OF GENDER ISSUES IN MALE TEACHING IN EARLY
CHILDHOOD EDUCATION***

Andréa Mota de Oliveira Lima¹

Lucas Guimarães Bloc²

RESUMO

O estudo aborda os atravessamentos das questões de gênero como elementos constituintes e demarcadores da docência de homens e professores na Educação Infantil. A pesquisa baseia-se em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) que inclui 12 artigos publicados entre 2013 e 2023. Após a análise completa desses artigos, foram identificadas e discutidas as questões de gênero que permeiam a docência masculina na Educação Infantil. Dois temas centrais emergiram: Limites de gênero na docência infantil e Os preconceitos e desconfianças enfrentados pelos professores homens. A pesquisa revela que a presença de homens na Educação Infantil levanta questões de gênero complexas, onde o corpo e o comportamento masculino são frequentemente alvos de desconfiança e preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Homem. Gênero. Docência.

RESUMEN

El estudio aborda las intersecciones de las cuestiones de género como elementos constitutivos y demarcadores de la enseñanza de hombres y docentes en Educación Infantil. La investigación se basa en una Revisión Sistemática de Literatura (RSL) que incluye 12 artículos publicados entre 2013 y 2023. Tras un análisis completo de estos artículos, se identificaron y discutieron las cuestiones de género que permean la enseñanza masculina en Educación Infantil. Surgieron dos temas centrales: Los límites de género en la educación infantil temprana y Los prejuicios y desconfianza que enfrentan los docentes varones. La investigación revela que la presencia de hombres en la

¹ Mestra em Psicologia. Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará, Brasil.

² Doutor em Psicopatología. Université Paris Diderot., Paris, França.

Educación Infantil plantea cuestiones de género complejas, donde el cuerpo y el comportamiento masculinos son a menudo objeto de desconfianza y prejuicios.

PALABRAS-CLAVE: Educación infantil. Hombre. Género. Enseñanza.

ABSTRACT

The study addresses the intersections of gender issues as constituent and demarcating elements of male teaching in Early Childhood Education. The research is based on a Systematic Literature Review (SLR) that includes 12 articles published between 2013 and 2023. After a thorough analysis of these articles, the gender issues that permeate male teaching in Early Childhood Education were identified and discussed. Two central themes emerged: Gender limits in early childhood teaching and The prejudices and distrust faced by male teachers. The research reveals that the presence of men in Early Childhood Education raises complex gender issues, where the male body and behavior are often targets of distrust and prejudice.

KEYWORDS: Early childhood education. Man. Gender. Teaching.

* * *

Introdução

No Brasil, a presença de docentes homens na Educação Infantil é muito pequena se comparada ao número de mulheres atuando nessa etapa de educação, o que pode ser constatado através dos dados do INEP, que informam que, no ano de 2023, o percentual de homens é de 3,78%. Este reduzido número de professores ainda provoca estranhamentos e preconceitos, sendo considerado uma questão de gênero, o que ainda distancia os homens dessa atividade nesta etapa de educação (Guacira Lopes Louro, 2020).

Considerando a perspectiva do senso comum, esse fato justifica-se por, culturalmente, os cuidados e a educação de crianças pequenas serem atividades associadas à mulher. Ana Marcia de Oliveira Carvalho (2015) destaca que a profissão docente, principalmente na Educação Infantil, está sustentada em concepções essencialistas do que é masculino e feminino. Essa forma reducionista nos leva a pensar em uma única forma de ser homem, que se opõe a uma também única maneira de ser mulher. Ao demarcar a profissão a partir do gênero do docente, utilizando como referencial os papéis que homens e mulheres assumem nas relações sociais e culturais convencionais, legitimam-se mitos e ideias sobre masculinidades e feminilidades.

A masculinidade, enquanto conceito, tem sido amplamente debatida por teóricas feministas e estudiosas de gênero, como, por exemplo, Joan Scott e Judith Butler. Tais autoras apresentam, de modo distinto, perspectivas que questionam concepções

tradicionalis sobre identidade de gênero e masculinidades. Dessa forma, na busca pela interseção entre essas duas teorias e a docência na educação infantil, é possível refletir sobre como as normas de gênero atravessam essa profissão.

Joan Wallach Scott define gênero a partir de dois sentidos. O primeiro sentido pode ser definido como o “elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p.86). O segundo sentido refere-se a “uma forma primária de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). A compreensão de que o gênero está relacionado às relações de poder auxilia na interpretação dos questionamentos acerca dos incômodos gerados pela presença de professores homens na Educação Infantil. Se, por um lado, a sociedade legitima o lugar da professora mulher por atribuir à natureza feminina características de afeto, carinho e cuidado, por outro, fica incomodada quando um homem ocupa esse lugar, por considerá-lo rígido e autoritário. (Carvalho, 2015).

Judith Butler, uma das principais teóricas contemporânea, aprofunda a discussão com uma abordagem que desarticula a construção do gênero dos corpos em que ele se materializa. Butler (2019) propõe que a identidade e o gênero não são categorias fixas, determinadas por questões puramente biológicas, mas construções sociais e culturais que se manifestam por meio da performatividade, ou seja, o gênero não é uma característica fixa ou essencial, mas algo que se constrói e se manifesta por meio de atos repetitivos ao longo do tempo. No caso das masculinidades, constantemente reafirmadas e desafiadas, os comportamentos, gestos e expressões, definem e regulam o “ser homem” (Butler, 2020). A masculinidade, portanto, não é uma identidade estável, mas a manifestação de diversas nuances originadas por um conjunto de práticas que são repetidas e reguladas socialmente, muitas vezes, de maneira rígida e excludente. (Butler, 2019).

Quando trazemos essa discussão para o campo da educação infantil, percebemos que alguns desafios significativos se fazem presentes e distanciam os homens da atividade docente. A masculinidade tradicional, marcada por valores como força, racionalidade e autoridade, entra em conflito, muitas vezes, com as expectativas do que deveria ser um educador infantil, reconhecido pela sensibilidade, acolhimento e empatia, marcas comumente atribuídas ao feminino. Além disso, a presença deles (homens) num ambiente majoritariamente de mulheres, desempenhando tarefas consideradas femininas, coloca em xeque sua virilidade. Há, também, fatores de ordem prática: baixos salários e o desprestígio da profissão que operam como desestimuladores da participação dos homens na Educação Infantil (José Edilmar de Sousa, 2011).

Dentro dessa perspectiva, a predominância feminina e a ausência de homens na educação infantil não deve ser vista como um fator natural, mas sim como uma construção social que pode ser questionada e transformada por meio de novas abordagens e discursos. Tomando como referência as reflexões de Scott e Butler, torna-se possível refletir sobre essas barreiras e buscar estratégias para ampliar a presença masculina na educação infantil, promovendo um ambiente mais justo e inclusivo. Se entendermos a masculinidade como uma construção social e performativa, então podemos ressignificá-la dentro do cenário educacional, incentivando modelos que valorizem o cuidado e a afetividade. Isso não apenas fortalece o papel dos educadores masculinos, mas também contribui para a formação de crianças que terão acesso a referências mais diversas e menos restritas por normas de gênero inflexíveis.

Diante deste contexto, este estudo tem como objetivo analisar, a partir de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), os possíveis atravessamentos das questões gênero no exercício da docência na Educação Infantil no contexto brasileiro. Considera-se que os atravessamentos são todos os elementos constituintes e demarcadores da docência na primeira etapa da Educação Básica. Assim, parte-se do pressuposto de que as questões de gênero marcam o exercício docente masculino na Educação Infantil e de que a sistematização da literatura permitirá uma melhor compreensão do cenário educacional contemporâneo brasileiro. Entende-se que o tema apresenta lacunas e reflexões que precisam ser ampliadas a fim de avançar nas discussões em busca de superar obstáculos que ainda afastam os homens desta atividade.

Procedimentos metodológicos

Segundo Rosana Maria Sampaio e Marisa Cotta Mancini (2007), a busca em bases de dados eletrônicos é considerada uma habilidade importante e eficiente para a realização de uma RSL. Para a seleção dos estudos, foi adotado o Protocolo Prisma, considerado uma diretriz rigorosa e refinada que oferece clareza nos procedimentos para inclusão e exclusão de estudos com base na literatura disponível, além de minimizar o risco de viés. O protocolo Prisma 2020 define uma lista de verificação e um fluxograma que apresenta o processo de seleção dos estudos ao longo de uma RSL, uma facilidade visual para a compreensão do processo de seleção dos estudos. (Renato Marcondes; Silvio Luiz Rutz da Silva, 2022)

Para o desenvolvimento do estudo, optou-se pelas bases de dados Capes, EBSCO host e OASISBR, por concentrarem o maior número de artigos relacionados a temática.

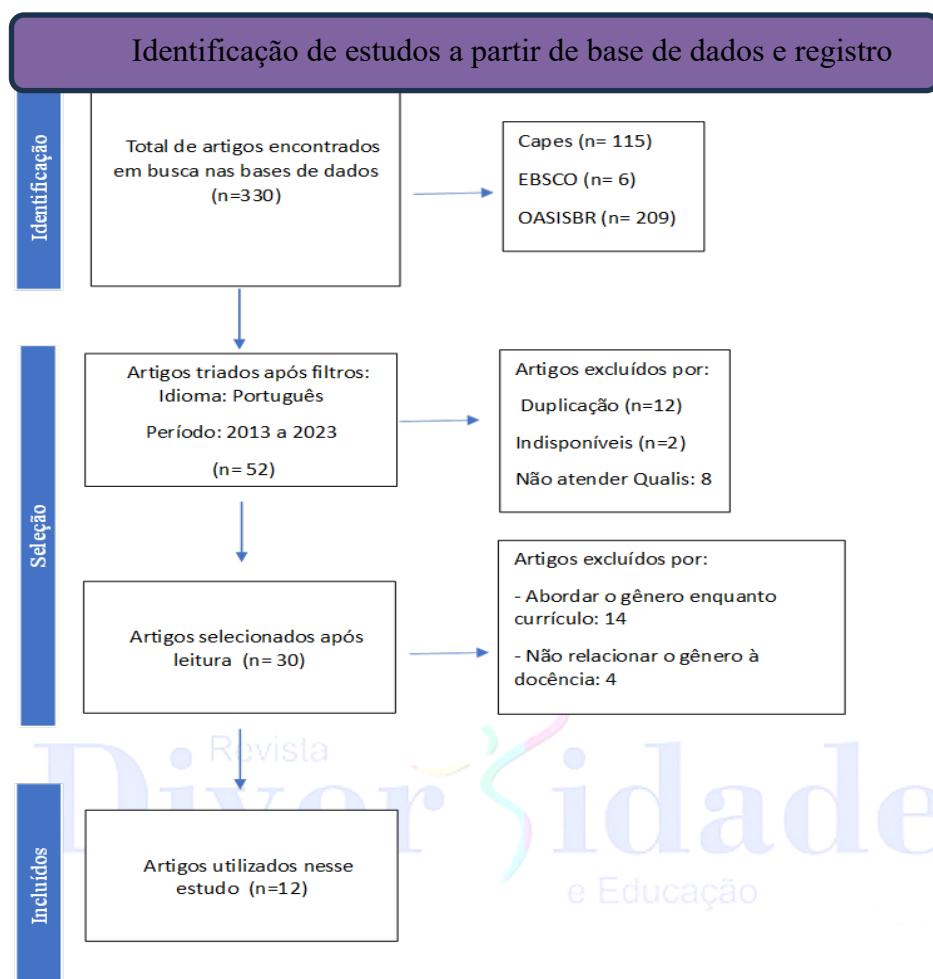
Para refinar a busca, foi utilizada a seguinte combinação de descritores: ‘Educação Infantil’ AND ‘homem’ AND ‘gênero’. Não foram utilizados descritores em outras línguas porque a intenção do estudo foi identificar quais discussões sobre o tema têm sido desenvolvidas no Brasil, embora um dos estudos encontrados aborde o contexto colombiano. Para a seleção dos artigos, foi realizada uma leitura na íntegra dos resumos, sendo excluídos aqueles que tratavam o gênero como tema curricular e os que não relacionavam o gênero à docência.

Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2013 e 2023, disponíveis na íntegra para *download*, em língua portuguesa e publicados em revistas com *Qualis*. Para atender ao objetivo do estudo, foi imprescindível adotar critérios que justificassem as escolhas, de forma a manter o rigor e a credibilidade da pesquisa. Desta forma, optou-se por mapear artigos publicados a partir de 2013, que abordassem as questões de gênero na Educação Infantil, discutindo a atuação dos homens no exercício da docência na primeira etapa da Educação Básica. O ano de 2013 foi escolhido por possibilitar um recorte temporal relevante, no caso, os últimos 10 anos, e por haver uma concentração maior de estudos a partir deste ano.

Revista Diversidade e Educação

Resultados e discussão dos resultados

Esta RSL, a partir de descritores específicos e das palavras-chave Educação Infantil, homem e gênero, obteve como resultado um total de 330 trabalhos. Aplicados os filtros idioma (português) e recorte temporal (2013 a 2023), obteve-se uma amostra de 52 trabalhos. No momento seguinte, foram excluídos 22 estudos: 12 estavam duplicados, 2 com acesso indisponível e 8 publicados em revistas que não atendiam ao *Qualis*. A partir da leitura na íntegra dos 30 artigos restantes, foram excluídos 14 artigos, pois abordavam o gênero como componente curricular, e 4 artigos discutiam as relações de gênero sem relação com a docência. Portanto, para o *corpus* do trabalho, foram selecionados 12 artigos. A busca do processo de evidências será representada no fluxograma PRISMA abaixo:

FIGURA 1: Fluxograma PRISMA de identificação dos estudos da RSL

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da análise e da seleção dos artigos, constatou-se que os estudos voltados ao fazer pedagógico na Educação Infantil são bastante vastos. Muitos se dedicam a compreender as práticas pedagógicas voltadas para esta faixa etária e aos sujeitos protagonistas desta etapa da educação: as crianças de 0 a 5 anos. Porém, pode-se dizer que ainda é escassa a produção voltada para discutir a atuação de homens na docência em turmas de Educação Infantil, o que se evidencia na seleção de apenas 12 artigos ligados ao tema. A tabela a seguir apresenta informações relativas a esses estudos.

TABELA 1 - Relação dos 12 (doze) artigos utilizados nesse estudo

Autores	Título	Periódico	Ano	Link de acesso
Patrícia Gouveia Nunes e Lucia Rincon Helena Afonso	Docência e Gênero: O professor Homem na Educação Infantil	Revista Inter-Ação	2018	https://doi.org/10.5216/ia.v43i3.48957
João Paulo Balisceci e Heloisa Toshie Irie Saito	Há um homem na educação infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças	Revista Gênero	2021	https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/49993/29322/172407
Alexandre Toaldo Bello; Jaime Eduardo Zanette e Jane Felipe	O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade	Revista Zero a Seis	2020	https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p558
Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo e Valéria Pall Oriani	Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil	Educação UNISINOS	2013	http://educa.fcc.org.br/pdf/edunisinos/v17n02/v17n02a08.pdf
Sueli Almeida Chaves	A inserção\permanência masculina na docência da educação infantil	Revista Criar Educação	2021	https://doi.org/10.18616/ce.v10i1.6700
Alexandre Rodrigo Nishiwaki da Silva	Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil	Revista Retratos da Escola	2021	https://doi.org/10.22420/rde.v15i31.1234

Amanaiara Conceição de Santana Miranda	Relações de gênero e educação infantil: aprendizagem inventiva, um caminho possível	Revista Lusófona de Educação	2022	https://orcid.org/0000-0002-8728-0054
Rayffi Gumercindo Pereira de Souza; Kátia Patrício Benevides Campos e Maria Eulina Pessoa de Carvalho	Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade	2022	https://doi.org/10.55028/pdres.v9i20.15010
Wanderson William Fidalgo de Sousa; José Gomes da Silva Filho e Fábio Soares da Costa	Reflexões do homem na profissão docente: por uma decolonização do corpo masculino	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade	2022	https://doi.org/10.55028/pdres.v9i20.15246
Joaquim Ramos; Maria de Fátima Cardoso Gomes e Alexander Ruiz Silva	Professores homens na Educação Inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana	Revista Zero a Seis	2020	https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p382
Josiane Peres Gonçalves e Adriana Horta de Faria	Representações sociais de pais sobre atuação de homens como educadores de crianças de 0-3 anos	Revista Educação : Teoria e Prática	2015	https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol25.n49.p282-297
Anderson Esteves Machado e Josiane	Professor homem na educação infantil: a	Revista Comunicações	2022	https://doi.org/10.15599/2238-121X/comunicacoes.v29n1p89-112

Peres Gonçalves	orientação sexual influencia o trabalho docente?			
-----------------	--	--	--	--

Sobre o local de desenvolvimento da pesquisa, 11 foram realizados no contexto brasileiro, e 1 estudo dedicou-se a experiência colombiana. Com base nos dados acima relacionados à região, evidencia-se a necessidade de ampliar as discussões nas regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sul, considerando que 50 % dos estudos foram desenvolvidos na região Sudeste. Além disso, é importante levar em conta que a diversidade cultural e social do Brasil pode influenciar a maneira como as questões de gênero atravessam a escola.

Outro aspecto observado foi o tipo de estudo, 9 deles partiram da realização de uma pesquisa empírica, evidenciando a importância de ouvir os professores, as crianças e outros profissionais na construção do estudo, considerando a experiência vivida e o lugar de fala de cada um.

Ao analisar a área de publicação, ressalta-se que todas as publicações foram na Educação, embora um dos estudos adote um olhar da Psicologia. Ou seja, ainda é escasso o número de estudos, ou mesmo inexistentes, em outras áreas, o que restringe a discussão, especialmente se considerarmos outras áreas de conhecimento.

Não foram constatadas pesquisas quantitativas acerca do tema. Todos os estudos foram qualitativos, com análise de dados direcionada à compreensão das experiências a partir de dados não numéricos, envolvendo, por exemplo, as falas dos participantes e a literatura científica da área. A partir da leitura e análise completa dos artigos, serão discutidas, a seguir, as questões de gênero que atravessam a docência exercida por homens na Educação Infantil. Foram identificados dois temas centrais nos artigos que norterão a discussão: Limites de gênero na docência infantil e Preconceitos e desconfianças vividos pelos professores homens na Educação Infantil.

Limites de gênero na docência infantil

Para iniciar a discussão sobre as masculinidades na docência, o estudo partiu da seguinte indagação: será que a escola tem gênero? Conforme Guacira Lopes Louro (2022), há aqueles que compreendem a escola como feminina por ser um lugar de atuação, majoritariamente de mulheres, onde as atividades de cuidado e de educação são consideradas tradicionalmente femininas. Além disso, o discurso adotado sobre as

práticas pedagógicas busca aproximá-las ao máximo das relações familiares. Nessas relações, espera-se que a ação das professoras se assemelhe ao papel das mulheres no lar.

Por outro lado, há aqueles que defendem que a escola é masculina, pois o conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. Alguns utilizam o argumento de que os livros, as estatísticas, os mapas, os cálculos e as estatísticas são construções masculinas (Louro, 2022). Diante dessas argumentações, que dizem respeito às noções que normalmente utilizamos para estabelecer nossas relações e práticas escolares, fica evidente que a escola é atravessada pelos gêneros. Segundo Louro “é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (Louro, 2022, p. 93). Dessa forma, a discussão sobre gênero levanta reflexões importantes relativas a dicotomias como igualdade-desigualdade, dominação-submissão e natureza-cultura na relação entre homens e mulheres, fazendo-se presente nas relações educacionais, uma vez que as questões de gênero também atravessam a escola.

As ideias de Butler (2019) sobre gênero como performatividade permitem uma reflexão mais aprofundada sobre como as questões de gênero atravessam o ambiente escolar. Essa perspectiva amplia o entendimento da escola não apenas como um espaço marcado por características femininas ou masculinas, mas como um lugar onde as performances de gênero são constantemente encenadas e negociadas. Se, por um lado, a ideia de que as professoras devem adotar um papel semelhante ao de cuidadoras no lar reflete uma repetição performativa que reafirma o gênero feminino dentro de um espaço educacional, por outro lado, a percepção da escola como um espaço masculinizado, devido à histórica produção de conhecimento por homens, também representa a perpetuação de normas hierárquicas de gênero. Ao refletir sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres na Educação Infantil, é possível questionar como as práticas educativas podem tanto reforçar quanto transformar as expectativas sociais relacionadas ao cuidado e à autoridade. Nesse contexto, a divisão sexual do trabalho emerge como uma construção social que sustenta hierarquias de gênero.

O gênero, como elemento constitutivo das relações estabelecidas social e profissionalmente entre homens e mulheres, permite perceber que os papéis masculinos e femininos funcionam como determinantes para a sustentação das relações de poder e hierarquia. Além disso, evidenciam a assimetria existente nas interações entre homens e mulheres, desnaturalizando, portanto, a divisão sexual do trabalho como:

o processo pelo qual as atividades de produção e reprodução social são diferenciadas, especializadas e desempenhadas por diferentes pessoas, pode ocorrer através da separação das atividades de produção de bens e serviços, de acordo com o sexo das pessoas que as realizam (Nunes e Afonso, 2018, p. 709).

Anderson Esteves Machado e Josiane Peres Gonçalves (2022) ratificam essa posição ao considerar que a divisão sexual do trabalho também atravessa os docentes na Educação Infantil. Essa divisão tem sua base de sustentação no patriarcado, que persiste nas relações estabelecidas entre homens e mulheres nas instituições de ensino. Embora ocupem o mesmo espaço social - neste caso, a escola - há um investimento maior para que os homens desempenhem atividades administrativas ou de chefia, consideradas mais próximas ao padrão social de masculinidade, enquanto às mulheres são restritas as funções de cuidado e educação das crianças pequenas.

Reconhecer o gênero como uma construção performativa possibilita desnaturalizar a divisão sexual do trabalho, como apontado por Nunes e Afonso, Machado e Gonçalves. Essa abordagem revela que as atividades de produção e reprodução social, atribuídas a homens e mulheres, são culturalmente determinadas e podem ser desconstruídas por meio de novas práticas e performances que desafiem essas dicotomias.

Muitas atividades e profissões contemporâneas ainda sofrem influência de demarcações sociais e históricas oriundas de estruturas patriarcais. Assim, a presença de homens em funções que envolvem cuidado, afeto e delicadeza, habilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, e de mulheres em atividades associadas à força, liderança e coragem, características tipicamente atribuídas aos homens, provoca um questionamento sobre as classificações hierárquicas e dicotômicas de identidade de gênero. Dentre essas atividades, encontra-se o fazer pedagógico dos professores homens na Educação Infantil (Nunes e Afonso, 2018; Machado e Gonçalves, 2022; João Paulo Baliscei; Heloisa Toshie Irie Saito, 2021).

Nas atividades desenvolvidas no campo da Educação, as habilidades que remetem ao feminino são consideradas inatas à natureza da mulher, guardando relações com as ideias biologistas de gênero e com os aspectos românticos e idealizados de maternagem, o que justificaria a feminilização do magistério (Baliscei e Saito, 2021; Josiane Peres Gonçalves; Adriana Horta de Faria, 2015).

Outro aspecto apontado por Baliscei e Saito (2021) que contribui para a feminilização do magistério é o desprestígio da profissão docente, refletido nos baixos salários e na sobrecarga de atividades para além do âmbito de trabalho. Nesta perspectiva,

a mulher seria a pessoa ideal para desempenhar os cuidados com as crianças pequenas, se assemelhando ao que Froebel (1782-1852), pedagogo alemão, definiu como uma jardineira cuidando das plantas, justificando o termo *jardim de infância*, usado por muitos anos para denominar a Educação Infantil. Assim, Baliscei e Saito (2021) afirmam que “houve um predomínio patriarcal a partir do qual os trabalhos considerados ‘mais importantes’ aos olhos do ideário social ficaram – e infelizmente ainda ficam - restritos aos homens” (p. 299).

Os estudos de Rayffi Gumercindo Pereira de Souza, Kátia Patrício Benevides Campos e Maria Eulina Pessoa Carvalho (2022) apontam que a docência na primeira etapa da Educação Básica, à medida em que se feminizou quantitativa e qualitativamente, também legitimou a escassez de homens na Educação Infantil, o que pode ser constatado nos dados do Censo da Educação Básica. Quanto mais alta a etapa de educação, mais homens compõem o quadro docente, configurando-se uma segregação ocupacional de gênero presente, principalmente, na Educação Infantil, na qual o número de homens docentes é quase inexistente, se comparado ao número de mulheres docentes. Outra peculiaridade da feminização do magistério foi identificada nos estudos de Tania Suely Antonelli Marcelino Brabo e Valéria Pall Oriani (2013) que apontam para uma espécie de paliativo para as reivindicações feministas de entrar no mercado de trabalho, não por ser uma profissão de prestígio e com boa remuneração, mas por ser uma extensão das atividades do lar, com um prolongamento das funções maternas.

O processo sócio histórico, ao demarcar a educação e os cuidados de crianças como atividades inerentes à mulher, generificou essa atividade. Para Baliscei e Saito (2021), em um mundo generificado, a atividade docente é analisada de modo assimétrico, a depender do gênero do profissional. Quando o homem exerce a docência, ele pode enfrentar implicações na maneira como sua identidade de gênero e sua orientação sexual são percebidas socialmente. Sob esta ótica, os estudos de Machado e Gonçalves (2022) corroboram com Baliscei e Saito (2021) ao constatarem que o professor homem na Educação Infantil ora é deslocado deste papel por, supostamente, não ter habilidade para educar crianças pequenas, ora deve se manter distante delas. Isso ocorre porque, ao ser julgado como possivelmente homossexual, ele causa temor entre familiares, que acreditam que sua presença pode por acreditarem que ele pode exercer alguma influência no comportamento das crianças. Machado e Gonçalves (2022) apontam que, na escola, as questões relacionadas à orientação sexual geralmente são silenciadas, com uma postura de não enfrentamento prevalecendo, mesmo quando claramente presentes entre

professores e funcionários. É recorrente o discurso entre gestores e agentes públicos de que “homofobia não é problema” e que “enfrentar a homofobia não é assunto para políticas públicas”. Essas afirmações demonstram como os sujeitos da escola são inseridos em uma heteronormatividade socialmente imposta.

Ainda no contexto das questões de gênero e diversidade sexual, persiste o medo de que os professores homossexuais possam influenciar os meninos com hábitos e posturas, levando-os a “virar gays”, como se diz popularmente. Dessa forma, percebe-se que, mesmo com formação superior e conhecimentos inerentes ao trabalho com crianças na educação infantil, geralmente a competência do professor homem não é reconhecida, ficando as questões de gênero e sua sexualidade no centro das discussões (Machado e Gonçalves, 2022).

Tanto Baliscei e Saito (2021) quanto Alexandre Rodrigo Nishiwaki da Silva (2021) recorrem ao conceito de *masculinidades* para compreender como a docência de homens é afetada por questões de gênero, especialmente, onde o número de homens é quase inexistente. Baliscei e Saito (2021) destacam, ainda, que os espaços de Educação Infantil são organizados de forma a apresentar a meninos e meninas masculinidades a partir de um viés restrito e pouco complexo, fundamentado na heteronormatividade e na masculinidade hegemônica. No entanto, eles consideram que a presença de professores homens na Educação Infantil oferece às crianças a oportunidade de aprender que os homens podem assumir masculinidades mais saudáveis, reconhecendo que ser dócil, amoroso e paciente são características que podem ser desenvolvidas por eles, não sendo uma determinação biológica. Para eles, o professor homem na Educação Infantil pode oportunizar o desenvolvimento de novas subjetividades, extrapolando a ideia que homens não podem atuar na Educação Infantil. Partindo desse pressuposto, o desenvolvimento de práticas pedagógicas por professores de ambos os sexos, sem viés sexistas, poderia contribuir para a superação da compreensão de que o trabalho na Educação Infantil é de natureza “maternal” e para o entendimento de um trabalho pedagógico e profissional. Baliscei e Saito (2021) reconhecem que,

independentemente da identidade de gênero daqueles e daquelas que atuam com as crianças, é preciso que sejam conduzidas práticas pedagógicas que primem pela articulação do cuidar e do educar e para que bebês e crianças aprendam por meio de ações sistematizadas e intencionalmente pensadas (Baliscei e Saito, 2021, p. 297).

Assim como Balisceci e Saito (2021), Wanderson William Fidalgo de Sousa, José Gomes da Silva Filho e Fábio Soares da Costa (2022) reconhecem que o homem na educação provoca tensões, porém

Pode contribuir para um alargamento de modos de sociabilidade e subjetividade comprometidos com a ruptura de relações de desigualdade de gênero desde essa etapa educativa, possibilitando a construção de um percurso menos sexista e mais igualitário na escola e na vida (p. 123).

Essas tensões revelam como as relações de gênero sustentam uma estrutura de poder na qual a figura masculina é marcada por uma carga simbólica historicamente construída. Essa simbologia limita e que não correspondem ao padrão imposto pelo patriarcado.

Silva (2021) aprofunda a discussão sobre o conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por Raewyn Connell (2003), que combina pluralidade e hierarquia, em que determinados padrões de masculinidade prevalecem sobre outros. Após 10 anos da formulação desse conceito, Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) reafirmam sua relevância, destacando que a transformação das relações de gênero e dos padrões de masculinidade hegemônicos pode ocorrer por meio da resistência e contestação de outras masculinidades, além da oposição das mulheres ao patriarcado. No contexto da educação infantil a presença de homens professores não apenas desafia as expectativas de gênero, mas também contribui para a transformação das relações de gênero e das masculinidades hegemônicas. Isso ocorre porque eles podem promover maior diversidade e inclusão, contestando normas patriarcais e abrindo caminhos para a construção de masculinidades que valorizam o cuidado e a educação de crianças pequenas

Embora reconheçamos a existência de diversas masculinidades, a perspectiva de Butler sobre a masculinidade como uma construção social performativa permite entender como a masculinidade hegemônica estabelece uma hierarquia entre suas diferentes manifestações. (Silva, 2021). Nesse sentido, como observado nos artigos da revisão, os professores da Educação Infantil têm sua masculinidade posicionada como subalterna, pois, socialmente, o papel da docência infantil é desvalorizado em comparação ao ensino de níveis superiores. Esse descompasso, marcado pela rigidez das normas performativas da masculinidade hegemônica, provoca, muitas vezes, reações de estranhamento, desconfiança e preconceito ao ingresso de homens nesse espaço, evidenciando o impacto das construções hierárquicas de gênero no ambiente educacional.

Preconceitos e desconfianças vividos pelos professores homens na Educação Infantil.

Partindo do pressuposto de que há uma visão equivocada sobre o cuidado e a educação de crianças pequenas serem responsabilidades exclusivas das mulheres, baseada na ideia recorrente e errônea de que é necessário ter vocação para atuar como docente nessa faixa etária, desconsidera-se a relevância da formação específica para atuar na Educação Infantil. Para Adriana Silvia Rodrigues, Estefânia Manholer e Alberto Albuquerque Gomes (2020) esse contexto reverbera na rejeição, velada ou explícita, da figura masculina neste espaço, ficando sob suspeita tanto sua identidade masculina quanto sua moralidade. Os estudos desses autores apresentam duas dimensões de masculinidades que sofrem preconceitos: o homem agressor e o homossexual. O agressor, embora seja indesejado, atende à masculinidade legitimada socialmente por reconhecer o homem como forte e agressivo. O outro, o homossexual, apresenta comportamentos e características consideradas femininas, portanto, “não é muito homem”, o que seria inadequado, já que foge dos padrões de “normalidade” de masculinidade.

No estudo de Sueli Almeida Chaves (2021), as duas dimensões de masculinidades presentes em Rodrigues, Manholer e Gomes (2020) são evocadas quando os professores homens se fazem presentes na Educação Infantil. Se, por um lado, a comunidade escolar teme a sexualidade “viril”, principalmente nos cuidados de higiene das crianças, por outro lado, o “homem afeminado” é concebido como algo positivo, uma vez que, por não possuírem uma sexualidade exacerbada, não seriam capazes de cometer abusos sexuais.

O estudo de Gonçalves e Faria (2015), com o propósito de entrevistar os pais sobre a presença de professores homens nas turmas de Educação Infantil, revelou que os professores de crianças de 0 a 3 anos são vistos mais como cuidadores do que como professores. Isso evidencia que, para os pais, as representações sociais do papel do professor nesta faixa etária estão fortemente associadas à função maternal. No binômio cuidar-educar, as duas atividades são percebidas de forma distinta: enquanto o educar, entendido como escolarização, é adequado para ser realizado por homens, o cuidar gera inquietações, porque, para esses pais, os homens são considerados incapazes de desempenharem tarefas como dar banho e trocar fraldas, além de levantarem preocupações relacionadas e possíveis abusos por considerarem que os homens não controlariam seus impulsos sexuais devido ao contato físico com as crianças.

Diante deste contexto, quando um homem ingressa na Educação Infantil, frequentemente provoca estranhamento, desconfiança e preconceito, chegando ao ponto

da propositura da Lei nº 1.174, de 2019, utilizando argumentos que consideram os homens como os únicos possíveis abusadores de crianças (Silva, 2021). A proposição do projeto de Lei na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, apresentada pela deputada estadual Janaina Paschoal, atribui aos profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com as crianças na Educação Infantil e propõe outras providências. Uma das justificativas para a proposta de Lei foi uma mensagem eletrônica de uma mãe que expressou insegurança em trabalhar e deixar sua criança na escola, temendo que ela sofresse abuso sexual. Apesar do projeto de lei ser de 2019, ele ainda se encontra em tramitação.

No mesmo ano, a deputada Monica Seixas, da Bancada Ativista, apresentou um substitutivo determinando que os cuidados íntimos com crianças devem ser realizados por profissionais qualificados e habilitados, sem distinção de sexo ou gênero. Este substitutivo alinha-se com a Constituição Federal (Brasil, 1988), que assegura, em seu Art. 5º, que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. ”, e, no inciso XIII, que “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer”.

A lei mencionada por Silva (2021) serviu como ponto de partida para o estudo de Alexandre Toaldo Bello, Jaime Eduardo Zanette e Jane Felipe (2020). Segundo eles, a Educação Infantil deve integrar o cuidar e o educar como práticas pedagógicas indissociáveis. Contudo, esse princípio foi desconsiderado na proposta de lei, que proíbe professores homens realizarem cuidados íntimos das crianças, baseando-se na suposição de que os homens são potencialmente abusadores e perigosos, mantendo-os constante suspeita e vigilância

Claudionor Renato da Silva (2014) observou, em sua pesquisa, que a masculinidade foi associada à noção de violência em potencial, um entendimento que provocou o deslocamento dos professores para turmas de crianças mais velhas e foi motivo de muitas reclamações e questionamentos acerca da presença de homens na Educação Infantil. Tendo em vista que a violência pode ser praticada tanto por homens quanto por mulheres, Júlio Regis da Silva e Viviane Lima Martins (2016) argumentam que carinho, atenção, respeito e educação podem ser desempenhados por pessoas de ambos os sexos. Além disso, destacam que a ideia de que somente as mulheres são aptas a crianças é um preconceito que precisa ser revisitado.

As normas sociais sugerem que os homens devem ser afastados do contato com as crianças, pois a masculinidade, socialmente construída, os caracteriza como portadores

de uma sexualidade incontrolável e como sujeitos que escapam à cultura e agem a partir de seus instintos mais básicos. Nesse contexto, os professores homens são constantemente vigiados em suas práticas diárias, especialmente durante o banho, a higiene e o sono, momentos que frequentemente requerem maior aconchego (Bello, Zanette e Felipe, 2020).

Os espaços físicos são elementos importantes para a pedagogia da Educação Infantil, já que a arquitetura desses espaços propicia a exploração do entorno da sala pelas crianças. Porém, não se deve negar que eles são utilizados para vigiar a prática e o corpo docente, principalmente quando se trata de um homem professor (Bello, Zanette; Felipe, 2020).

Nunes e Afonso (2018), a partir de sua pesquisa realizada na cidade de Rio Verde, evidenciaram que as relações sociais e de gênero, constituídas no espaço escolar, tomam como referência o que socialmente se convencionou como masculino e feminino. Observou-se, ainda, um esforço para que os professores homens assumam cargos administrativos ou de gestão. Em contrapartida, os professores, temendo os cuidados de higienização das crianças, acabaram cedendo e migrando para outros espaços educacionais. Este fato também foi constatado nas pesquisas de Bello, Zanette e Felipe (2020). No entanto, eles apontam que a “trama” que posiciona mulheres e homens no magistério ocorre de forma sutil e negociada quando, por exemplo, há um incentivo para que os homens assumam atividades de liderança nas instituições de educação, desempenhando atividades mais administrativas e de gestão, distanciando-os dos cuidados das crianças.

Os resultados do estudo de Gonçalves e Faria (2015) também indicam que as representações sociais associam a docência de crianças pequenas a uma atividade maternal e evidenciam o medo de abuso sexual quando um homem está à frente dessa atividade, especialmente nos cuidados de higienização das crianças. Esta “trama” dá visibilidade ao androcentrismo, entendido como a prática, consciente ou inconsciente, de colocar o ponto de vista masculino no centro da visão de mundo, cultura e história, marginalizando culturalmente a feminilidade (Amanaiara Conceição de Santana Miranda, 2022). Vale ressaltar que é neste mecanismo social que se constitui a subjetividade docente. No entanto, quando o homem resiste e permanece nas atividades de cuidado das crianças, surge um tensionamento que o coloca rapidamente sob suspeita e vigilância, alimentando um pânico que gera um medo social, capaz de instaurar lutas consideradas legítimas, como a que impulsionou o projeto de Lei nº 1.174, de 2019 (Bello, Zanette e

Felipe, 2020).

As suspeitas que recaem sobre os homens na Educação Infantil no Brasil também se manifestam em outros países da América Latina, como observadas no estudo de Joaquín Ramos García, Maria de Fátima Gomes Carvalho e Alexander Ruiz Silva (2020), realizado no contexto colombiano. Esse estudo buscou compreender as representações de masculinidade e de feminilidade emergentes da percepção de homens e mulheres sobre a docência masculina na Educação Infantil. Para tanto, professores e professoras foram entrevistados e revelaram que os próprios professores homens têm uma percepção contraditória sobre o exercício da docência nos espaços de Educação Infantil.

Ao mesmo tempo em que afirmam que suas relações com as crianças são desprovidas de preconceitos, eles também reconhecem o uso de estratégias para evitar contatos mais próximos, a fim de evitar suspeitas de abuso. Esse fato torna-se evidente no depoimento de um professor de música, que reconhece a existência de docentes do sexo masculino que excedem e desrespeitam as crianças, o que, segundo ele, acaba impactando negativamente os professores que não apresentam comportamentos semelhantes. O medo de ser acusado ou de ser mal interpretado em sua interação com as crianças faz com que, durante as aulas de música, ele utilize o violão como um escudo para impedir o contato das crianças com seu corpo.

A partir desses depoimentos, percebe-se que, embora o discurso do professor de música reconheça preconceitos e desconfianças sobre a presença masculina na Educação Infantil—ao ponto de adotar estratégias para evitar possíveis acusações relacionadas à sua proximidade com as crianças—, ele acredita não sofrer preconceito na escola (Garcia, Carvalho e Silva, 2020).

Outro destaque da pesquisa foi a percepção de um docente que considera que o professor homem pode assumir a função de pai, evidenciando um esvaziamento das funções de professor como atividade profissional e retomando o caminho historicamente traçado, associando as funções de cuidar e educar à figura materna (García, Carvalho e Silva, 2020). Diante das constatações, percebe-se que ainda existem muitas reflexões sobre o papel dos homens em creches e pré-escolas. Nesse contexto, a percepção dos próprios professores masculinos sobre sua atuação nesses espaços de educação e cuidado infantil revela a presença de contradições, tensões e ambivalências.

Considerações finais

A partir dessa Revisão Sistemática da Literatura (RSL), constatou-se que a presença de professores homens na Educação Infantil levanta questões de gênero ainda bastante densas e complexas. O corpo e o comportamento masculino são frequentemente alvos de desconfianças e preconceitos. As identidades de gênero, construídas com base em demarcadores sociais e históricos patriarcais, juntamente com a heteronormatividade e o androcentrismo, influenciam a construção do que se considera a pessoa ideal para exercer a docência nas turmas de crianças de 0 a 5 anos.

A discussão sobre as masculinidades na docência e a indagação acerca da presença de gênero na escola presente nos artigos evidenciam a complexidade das relações sociais que permeiam o ambiente educacional. A escola, longe de ser um espaço neutro, é atravessada pelas construções culturais e sociais dos papéis de gênero, reforçando as normas tradicionais, mas também abrindo espaço para sua problematização.

Foi possível perceber que a visão da escola como feminina, ligada às atividades de cuidado e à educação, contrasta com a perspectiva da masculinização do saber que, historicamente, privilegiou homens como produtores do conhecimento. Essas concepções, analisadas à luz das teorias de gênero e da performatividade, demonstram que as relações de poder e as hierarquias de gênero estão inseridas e reproduzidas no cotidiano escolar. Essas questões de gênero são evidentes nas percepções e atitudes tanto dos colegas de trabalho quanto das famílias e da sociedade em geral. A presença de professores homens desafia as normas tradicionais de gênero que, muitas vezes, associam o cuidado infantil exclusivamente às mulheres. Isso pode levar a uma série de tensões e contradições, onde os professores homens precisam, constantemente, provar sua competência e integridade.

Na educação infantil, a diversidade de gênero entre os educadores pode enriquecer o ambiente escolar, oferecendo às crianças diferentes modelos de masculinidade. Se a escola é concebida como um lugar onde os indivíduos se constroem como pessoas, é essencial apresentar variadas masculinidades, pois o afeto, o carinho e os cuidados não são atributos exclusivos das mulheres, mas também dos homens.

Referências

BALISCEI, João Paulo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. Há um homem na educação infantil! masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças. **Revista Gênero**, v. 21, n. 2, p. 296-320, 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 20^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020

BELLO, Alexandre Toaldo; ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. *O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade. Zero-a-Seis*.

Florianópolis: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância-NUPEIN/CED/UFSC. Vol. 22, n. 42 (jul./dez. 2020), p. 558-579, 2020.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. *Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. Educação. UNISINOS*, p. 145-154, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988

CARVALHO, Ana Márcia de Oliveira. **Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na educação infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz**. 2015. 148f. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”–UNESP, Campus de Araraquara-SP.

CHAVES, Sueli Almeida. A inserção\permanência masculina na docência da Educação Infantil. **Criar Educação**, v. 10, n. 1, p. 1-5, 2021.

CONNELL, Raewyn W. Masculinities, change, and conflict in global society: Thinking about the future of men's studies. **The Journal of Men's Studies**, v. 11, n. 3, p. 249-266, 2003.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

DA SILVA, Alexandre Rodrigo Nishiwaki. Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil. **Retratos da Escola**, v. 15, n. 31, p. 227-240, 2021.

DE SANTANA MIRANDA, Amanaiara Conceição. Relações de gênero e educação infantil: aprendizagem inventiva, um caminho possível. **Revista Lusófona de Educação**, v. 57, n. 57, 2022.

DE SOUZA, Rayffi Gumerindo Pereira; CAMPOS, Kátia Patrício Benevides; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 123-138, 2022.

DE SOUSA, Wanderson William Fidalgo; DA SILVA FILHO, José Gomes; DA COSTA, Fábio Soares. Reflexões do homem na profissão docente: por uma

decolonização do corpo masculino. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 248-262, 2022.

GARCÍA, Joaquín Ramos; CARVALHO, Maria de Fátima Gomes; SILVA, Alexander Ruiz. Professores homens na Educação Inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana. **Zero-a-seis**, v. 22, n. 42, p. 382-408, 2020.

GONÇALVES, Josiane Peres; DE FARIA, Adriana Horta. Representações sociais de pais sobre atuação de homens como educadores de crianças de 0-3 anos. **Educação: Teoria e Prática**, v. 25, n. 49, p. 282-297, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 2022.

MACHADO, Anderson Esteves; GONÇALVES, Josiane Peres. Professor homem na educação infantil: a orientação sexual influencia o trabalho docente?. **Comunicações**, v. 29, n. 1, p. 89-112, 2022.

MARCONDES, Renato; DA SILVA, Silvio Luiz Rutz. O protocolo Prisma 2020 como uma possibilidade de roteiro para revisão sistemática em ensino de ciências. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 18, n. 39, p. 1-19, 2022.

NUNES, Patrícia Gouvêa; AFONSO, Lucia Rincon Helena. Docência e gênero: o professor homem na educação infantil. **Revista Inter-Ação**, v. 43, n. 3, p. 710-724, 2018.

RODRIGUES, Silvia Adriana; MANHOLER, Estefânia; GOMES, Alberto Albuquerque. Em busca de identidade: Educação Infantil é lugar de homem?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 3, p. 2298-2313, 2020.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007.

São Paulo. Assembleia Legislativa de São Paulo. Projeto de Lei nº 1.174, de 16 de outubro de 2019. Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil. São Paulo, 2019.

SILVA, Claudionor Renato da. Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante. **Gênero e raça em discussão. Jundiaí, SP: Paco Editorial**, 2014.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito. **Revista científica Intr@ ciência, Guarujá, Edição**, v. 11, p. 1-23, 2016.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SOUSA, José Edilmar de. Por acaso existem homens professores de educação infantil?: um estudo de casos múltiplos em representações sociais. 2011.

Recebido em janeiro de 2025.

Aprovado em maio de 2025.

